



Gaiato

12 DE DEZEMBRO DE 1970
ANO XXVII — N.º 698 — Preço 1\$00



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



Aqui, LISBOA!

Por Padre Luís

Duas notas agradáveis, pela esperança que nelas depositamos, caracterizaram a quinzena última. Queremo-nos referir ao diploma saído do último Conselho de Ministros sobre o problema dos terrenos destinados a urbanização e ao primeiro passo dado pela chamada Federação dos Municípios da área da Capital, em ordem a uma coordenação de acção, de cujo planeamento é lícito aguardar promissores resultados.

Se é absolutamente indispensável exigir do Estado e das Autarquias uma atenta vigilância e fiscalização do mercado de terrenos destinados à construção civil, facilitando o acesso à habitação das classes menos favorecidas economicamente, evitando a «gula» de alguns e a especulação de outros, é preciso, no entanto, dar o exemplo. Que nunca mais seja possível partir de cima tudo o que constitua má lição, são os nossos votos sinceros. Por outro lado, é indispensável doutrinar sobre o valor e a função social da propriedade que, em certa medida, a todos pertence como presente do Criador, levando a solução onde os interesses e as necessidades da comunidade sobrelevem os puramente individuais ou

de simples grupos. É um caminho a percorrer sem hesitações.

Da Federação dos Municípios, ora entrada a respirar, aguarda-se a entrada em vigor duma recta equação dos problemas de conjunto, de forma a encontrar um justo equilíbrio e uma recta solução das questões e das dificuldades, sem transferências especiais ou protelações temporais, que mais agravam e distanciam a satisfação dos objectos a atingir. É que não podemos esquecer que o direito à habitação é um dos direitos primários do Homem!

Ao terminar estas simples notas não queremos deixar de reiterar nestas colunas a ideia de que, ainda mais grave do que o problema das barracas e dos bairros de lata que envolvem os grandes centros, é o das chamadas partes de casa. Será assunto para aflorar noutra ocasião, no humilde mas sincero propósito de contribuir para que cada família tenha jus a uma habitação digna e capaz, onde se possam desenvolver todas as suas potencialidades e os seus membros desfrutem de condições para seu pleno desabrochar.

Natal

«Por amor de Sião, não me hei-de calar,
pela causa de Jerusalém, não terei repouso,
enquanto a sua Justiça não despertar como aurora
e a sua salvação não resplandecer como a luz do archote.»

Com estas palavras do Profeta Isaías abre, este ano, a celebração litúrgica do Natal. São palavras de vigília. Anunciam metas de futuro. Expressam realizações que implicam compromisso e luta e hão-de custar lágrimas e sangue. Por isso lhes achamos um sabor tão próprio, porque tendo vindo já o «Desejado das Nações» — «Conselheiro Admirável»; «Pai para sempre»; «Príncipe da Paz» — ainda não aconteceu que «os povos vissem a

Sua Justiça e todos os reis a Sua Glória», nem «o Seu poder foi engrandecido numa paz sem fim», nem «o Seu reinado estabelecido e tornado firme por meio do direito e da justiça».

Ainda hoje, dois mil anos após a Sua vinda, as metas anunciadas continuam a pertencer ao futuro — e em todos os séculos do tempo assim será. A Salvação, a posse eternamente invicta da Paz, que é a paz sem contradição, não tem continuidade com o esforço, sincero e ardorosamente empreendido, para inundar da «Luz que começou a brilhar, o povo que andava nas trevas, que habitava a terra da escuridão».

Nesta terra impera também o «Príncipe das trevas», que até ao fim do tempo turvará toda a tentativa de limpidez. Ele, que venceu uma vez a nossa integridade original, continua a manejar os homens, (o orgulho, a cupidez, a sensualidade dos homens) na sabotagem da ordem divina que Cristo implantou com o Seu sangue — Cristo, «pedra angular», fundamento único do «Reino de Verdade e de Vida», «Reino de Justiça, de Amor e de Paz».

Mas Cristo implantou, recriou e recria pelos séculos em fora — eis a certeza que gera a nossa alegria. Contraditado, embora; aceitando o impedimento ao esplendor perfeito da Sua Luz, à frutificação total do Seu sacrifício — Ele foi, é e será até ao fim o nosso companheiro na luta; e o que permanecer com Ele na contradição, será dos dEle na vitória eterna.

Que importa que ainda não seja sensível a Luz, a Paz, a Justiça, a Glória, se elas são as realidades com certeza vindouras para o homem que crê e espera e ama?! A grande decisão do homem é esta: Lutando sobre si mesmo (sobre a sua natureza ferida uma vez e muitas pelo demónio) «não se calar, por amor; pela causa da Justiça, não procurar repouso enquanto a Salvação não resplandecer como a luz do archote».

Assim, o Natal presente, na recordação do passado, é fonte de alegria e de força para o futuro.

Padre Baptista



Uma anormal — o que todos nós poderíamos ser! — acaricia uma ave, na gaiola, visivelmente satisfeita.



Há um grande atraso no dar conta do que tem chegado de presenças amigas. Que estas nos saibam perdoar.

E começo por pedir desculpa, ao senhor que nos mandou ontem esta carta:

«No dia vinte de Junho p. p., fui aí para o cumprimentar e ao mesmo tempo entregar a importância de 50 contos que, entre amigos, se conseguiu para o Calvário. Como não veio ainda nada anunciado no Famoso, aqueles amigos brincam comigo, perguntando se na verdade fiz entrega daquela verba...»

Que os seus amigos descansem. E podem voltar a confiar. Também há poucos dias alguém nos fez entrega de um

cheque de 200 contos. Eles são mais trabalhos do que riqueza. É um pavilhão que a senhora deseja ver aqui feito para os mais anormais, e que nós há muito tempo, igualmente, pensávamos erguer para isolar um pouco os que perturbam o sono e o sofrer dos que têm mais consciência.

Pela terceira vez uma senhora nos entrega 20 contos em memória da irmã que muito estimava e para quem deseja a paz junto de Deus.

As presenças habituais têm mantido o ritmo de sempre. Outras novas têm vindo associar-se-lhes. E nós, no silêncio, temos agradecido ao Pai a generosidade, a discreção e a amizade.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Vem aí o Natal — Celebramos dentro em pouco, a Festa da Família. E como aliás é velho costume, nunca deixámos, nesse dia, de melhorar a mesa dos nossos Pobres. Sem comissões d'honra; sem a distinta presença de senhoras da melhor sociedade; sem os cartazes de que o mundo anda cheio — e gosta!... É dolorosa a provocação e humilhação a que submetem os Pobres, nesta época! Humilhação interior — em aparências de festa...

x x x

O QUE RECEBEMOS — Um embrulho de roupas e 50\$00 «prós vicentinos», isto é, prós Pobres. Mais 20\$00 da assinante 17740. De velha amiga de Ois da Ribeira 50\$00 em «sufrágio das almas de meus Pais e do meu Marido». Mais esta carta:

«Saudações.

«Acabo de ler o vosso, antes, o nosso querido Jornal. É uma das minhas leituras dominicais... Chego a querer viver convosco e por vós, mas ainda fechada no meu egoísmo fico-me sempre na quietude do dia a dia.

«Junto envio 100\$00 para a Conferência de Paço de Sousa. A humildade da oferta é parte do meu humilde e honesto ordenado.

«Convosco e ao dispor a enfermeira...»

Há cerca de 900 gaiatos em todas as Casas da nossa Obra... Que o Senhor lhe avive os sentimentos de disponibilidade! Quanto à informação que nos pede, sim senhor. Continui a comunicar connosco da mesma forma. E que Deus a ajude.

Finalmente, 10\$00 da assinante 12571.

Aguardamos — com ansiedade — que muitos leitores se lembrem da Consada dos nossos Pobres! E, para todos, votos de Santo Natal e Ano Novo.

JÚLIO MENDES

Notícias da Conferência do Tojal

Caríssimos leitores. Deveis estar admirados de não verdes nestas colunas do «FAMOSO», já há muito e longo tempo, notícias sobre a nossa conferência

Pois, bem leitor, foi falta nossa, nos pormos a escrever, dando-vos notícias, do que desde já pedimos desculpa desta tão grande falta.

Muitos de vós, com certeza, estariam sempre ansiosos de saber algo sobre a nossa Conferência. Nós sabemos perfeitamente. Assim,

aqui têm estas poucas linhas a lembrar que na nossa Casa continua a existir Conferência e continuará desde o momento em que haja um pequeno grupo de rapazes interessado pelos Pobres.

No momento em que escrevo, tenho no meu pensamento palavras do nosso querido Pai Américo, em que ele dizia a todos os rapazes: «Ai das Casas do Gaiato onde não exista Conferência». — O espírito da nossa Obra é que cada Casa do Gaiato tenha a sua Conferência e, na realidade, temos Conferências, de modo algum as queremos eliminar; é dever nosso mantê-las. É que à nossa volta, sentimos que devemos ajudar os Pobres, mais não seja, com a nossa visita aos domingos, mesmo que não lhes levemos algo de material para lhes matar a fome. Quase todos os nossos confrades, quando pequenos, souberam, de verdade, o que é a fome. Isto lá fora. Hoje, graças ao Pai do Céu, estamos na Casa do Gaiato onde não sentimos falta do necessário para o nosso alimento. Por esta razão não queremos que nossos irmãos mais pobres passem mal. Nós com a vossa ajuda lá vamos distribuir o mais útil para que eles fiquem um tanto ou quanto remediados; sim, remediados, porque tudo o que nos chega para eles é bem pouco para tanta pobreza.

Aos leitores e benfeitores da nossa Conferência, ficamos aguardando o vosso auxílio para os nossos Pobres, porque só de vós é que lhes pode vir algo de pouco melhor. Nós confrades, apenas podemos ajudar com a vossa boa vontade e porque sentimos no nosso espírito uma obrigação de ajudar os mais necessitados.

Desta feita, e ao fim de contas, é obrigação de todos nós, ajudar os nossos irmãos mais pobres; nós vivemos numa sociedade cristã, por isso devemos ser caridosos. Só aqui, é que conseguimos encontrar o dever de um verdadeiro Cristão, cumprindo com sua obrigação; assim, com certeza, trabalhamos para a salvação dos homens.

Nós, confrades, vos lembramos a Deus de tudo quanto nos têm mandado para os nossos Pobres, e muito obrigado.

UM VICENTINO

Paço de Sousa

Revista IMAVE — O nosso Júlio Mendes que — para nosso bem — se interessa muito pelas «modernas técnicas e métodos de formação profissional, tomou a liberdade de solicitar a remessa da conceituada Revista IMAVE, em regime de permuta com o nosso Jornal. Recebemos, já, os n.os 44 e 45, com óptimo aspecto gráfico, valiosa colaboração, enfim, uma utilíssima demonstração concreta da actualidade e eficiência dos meios áudio-visuais de ensino.

Sapataria — Chegaram duas máquinas para a Sapataria. Com esta reconversão industrial, auguramos uma época de prosperidade para aquela secção. Houve já um festival

de botas para todos os Rapazes. Começou, portanto, a progredir...

Futebol — No domingo passado o nosso onze deslocou-se a Famalicão para defrontar um grupo daquela Vila.

Sáimos de Casa mal acabou a nossa missa dominical, levámos um bom almoço, feito pelo Adriano, ponta esquerda da nossa equipa.

Chegados a Famalicão almoçámos e, em seguida, passeámos pela Vila. Às quatro horas começou o desafio. Depois de grande luta (onde não faltou um certo azedume...), saímos vencedores por 4-3.

Foi uma grande alegria quando a nossa malta soube o resultado, porque já tínhamos vencido o mesmo clube, cá em Casa, por 5-1.

Lutamos, ainda, com falta de bolas de futebol e de andebol. Portanto, se algum dos nossos amigos tiver uma bola desconhecida que espere por alguém, aguardamo-la muito gratos.

Obras — As Escolas estão em obras. Foram reparadas três salas de aula e agora os sanitários. Depois, é o Salão de festas, que será dividido em duas salas: uma para estudos e outra para recreio.

Já começaram a abrir a nossa piscina! Esperamos tomar banho regaladamente, no próximo verão. E, a seguir, se Deus quiser, teremos mais coisas novas!...

Lavoura — Estão a arranjar o poço velho, o único que temos. Mas como a palavra único soa mal, vão fazer mais outro poço para abastecimento da nossa Aldeia e da quinta.

Para quebrar esta alegria, aconteceu recentemente uma coisa que não era de esperar: morreram umas dezenas de porcos e, com eles, lá se foram umas dezenas de contos. Da peste, safaram-se apenas seis!

Biblioteca — Já começámos a juntar e a catalogar todos os livros que possuíamos. Mas verificámos que não chegam para o consumo dos 150 gostos e apetites da nossa malta. Por isso, se tiverdes livros bons e úteis que não façam falta em vossas casas, a nossa biblioteca é o lugar indicado para eles. A vossa amizade é tamanha!

Outono — Como nesta estação a paisagem é triste e bela com o cair das folhas! Mas os «Batatas» é que não ficam lá muito contentes... Mais trabalho e menos tempo por causa da escola.

Natal — Por ter referido os «Batatas», vou contar uma história que tem o seu quê de verdade:

Estava um dos nossos rapazes sentado nas escadas da Capela a estudar, quando o «Passarinho» se aproxima e pergunta:

— Ó coiso, é Natal?

O rapaz, um pouco curioso, replicou:

— O que te deu o Menino Jesus no ano passado?

«Passarinho» um pouco triste, respondeu:

— Quando o Menino Jesus passou na nossa camarata, já tinha o saco vazio!...

Amigos, com esta história, queria dizer que a camarata do «Pas-

sarinho» não teve presentes de Natal... Que Deus permita que, este ano, quando o Menino Jesus passar pela camarata do «Passarinho», ainda tenha o saco cheio.

Cícero da Costa Ribeiro

BENGUELA

Manhã de domingo... A escuridão ainda é senhora, a aurora mal despontou, mas alguém já se encontra desperto, alguém que junto a uma Igreja sorrindo há-de oferecer-te um simples jornal — sim, simples na apresentação, mas grandioso no conteúdo — como já tiveste ocasião de testemunhar. Esse é o nosso porta-voz, que te dá a conhecer os nossos vivos e os nossos ais e, ousadamente pedimos através dele, que comungues connosco desses vivos e desses ais.

Quando o Sol vai tomando altura, houve-se o repicar do sino da Capela, chamando-nos à Casa do Senhor, tão pequenina para tantos fiéis! O percutir de um órgão acompanhando as vózitas quentes da malta, dá início à Santa Missa, onde todos dialogando com o Sr. P.e Manuel, pedimos ao Criador por uma Fé mais sólida, que nos permita uma razão lógica do nosso ser colocado perante o plano sobrenatural a que estamos sujeitos.

O raiar do Sol cada vez mais intenso, parece convidar-nos ao banho nas majestosas águas da nossa tão querida «Praia Morena», onde a batatada se entrega a mil e uma brincas

deira. Nas horas de euforia o tempo parece correr, como um bólido em velocidade suicida! Aparece a hora do regresso, «custa muito deixar o que nos é aprazível, mas tem de ser», parecem dizer os batatas que deitam um olhar profundo de adeus às vagas que se formam lá nos confins, atravessando o mar em correria, para que no extremo areal se percam...

Tarde de domingo... A praia abre o apetite, após um bom manjar, eis novamente a coitada da «Ford», com sua carga domingueira, (tão delicada ela é!), a caminho da cidade, deixando uns no Cine-Benguela, outros no parque desportivo da J. O. C., finalmente os últimos têm o condão de contemplarem a bela panorâmica dos arredores da nossa urbe.

Em contra-partida, só, em Casa, não por castigo mas por obrigação, encontra-se o piquete, esperando com paciência ilimitada que tu venhas visitar-nos. Não há-de encontrar algum sinal de proibição para veres as nossas instalações, os nossos extensos campos cobertos de bananas, em suma a nossa Aldeia, ainda em construção, que pode ser vista por ti a qualquer hora do dia. Nós queremos que tu sejas árbitro do nosso trabalho.

Noite de domingo... O Sol deu lugar à Lua, a claridade deu lugar à escuridão, surgiu a noite. Como é tão diferente o início, do remate de domingo! A fogsidade do início deu lugar à monotonia do findar. Após o terço, ainda há certo alvoroço mercê dos benfiquistas e dos sportinguistas ou dos Nichas e dos Peixinhos. mas com a conclusão do jantar... todos procuram as camaratas, onde nos deixamos adormecer e no sonho continuamente, adeus... adeus... domingo.

Faria Magro

A FAMÍLIA CONTINUA A CRESCER

«As minhas desculpas por só hoje dar notícias desde há muito. Mas creia-me um grande sorna no aspecto de escrever, seja o que for, ou para quem quer que seja. Não sei bem a razão desta mudança em mim, pois eu era dos que gostava de dar à caneta. Não creio que haja crise a atravessar a minha vida, pelo menos não a pressinto, mas talvez um pouco de comodismo em exagero. Remanciei-me mais lendo bastante e, outras vezes, obsecado por factos do dia a dia, quer profissionalmente, quer interessando-me pelo que se vai passando no mundo, neste mundo que se transforma vertiginosamente. E será talvez por isto que me quedo mais pelo interior das minhas paredes.

Mas hoje, algo de transcendente se operou na minha vida! Pela primeira vez na vida sou Pai! O meu ser transborda de alegria! Um lindo rapaz que nasceu no passado dia 4 veio operar esta transformação! E, pelo que me vai na alma, eu

vejo a sublimidade deste meu novo estado! Ainda só há um; mas, pelo que sinto por este um, antevejo o que se passará nas famílias onde há muitos. Recordo a Paternidade moral da nossa Casa do Gaiato e o quanto de alegria vai na alma dessa Paternidade quando há um filho que «nasce» para a Vida.

Peça ao Senhor por ele, Sr. Padre, como eu tenho pedido.

Não espero que ele seja mais ou menos que aquilo que o Pai foi ou é; mas que ele se saiba enquadrar no lema de «Santuário de almas» como o pai se enquadrara.

Sinto-me já substituído neste mundo pelo meu Carlos Alberto e, se lhe mereci o nascimento, que o continue a merecer como filho.

Dar-lhe-ei notícias em breve. Por hoje transmita a todos um abraço e o recado de que «A Família continua a crescer.»

Ramada



Não vem dia ao mundo sem caras novas entre a numerosa Família de leitores e assinantes do nosso Jornal. Esta quinzena chegaram mais 39! E atingimos, na arrancada, a bonita soma de 1.930. Estamos à porta dos 2.000...

Acima dos números, porém, salientamos de novo o simpático acolhimento de todos, ao **pequeno revolucionário** — motivados pela disponibilidade e interesse dessa pleiade de amigos que não guarda só para si o quinhão da leitura. E inquietos, por vontade própria, inquietam outros e outros — tantos! São felizes — porque espalham felicidade.

● «DESCULPEM O ATRASO»

E o extremo cuidado de muitos caminheiros, pela eficácia?! Reparemos na legenda de uma lista procedente de Tondela:

«Este é dos bons.

«Podem mandar já o jornal.

«Só agora consegui encontrar um que vale a pena!

«Desculpem o atraso.

«Sempre grata...»

Que formoso poema! E até onde chega o delicadíssimo compromisso voluntário! Desculpem o atraso... sempre grata... Gratos somos todos, pela sua amizade. Que Deus a ajude.

CAMPANHA DE ASSINATURAS

● DE PAIS A FILHOS

Satisfaz-nos muito o interesse de certos pais em transmitir aos filhos o gosto pela leitura do **Famoso**. E o seu número cresce, motivado por presenças registadas no decorrer da Campanha. Nesta linha de rumo bate-nos, agora, à porta um discípulo e conterrâneo. Aqui está:

«Que te encontres em perfeita saúde na companhia dos teus rapazes, são os sinceros votos deste teu amigo.

«Rogo-te o favor de mandares o jornal O GAIATO para meu filho...

«Junto incluo vale de correio... Não sei se chega ou se é mais, manda dizer.

«Felicidades para os rapazes e seus dirigentes. E tu recebe um grande abraço do discípulo e amigo...»

É d'Elvas — a flor branca do nosso Alentejo. E acredito

que o meu conterrâneo — **condiscípulo e amigo** — não ficará só por aqui. Vai incendiar outros condiscípulos. E outros elvenses. Vamos a isto, Manuel Joaquim?

● INSCRIÇÕES DIRECTAS

Outro facto a registar é o crescente número de inscrições directas. Não importa como, nem porquê. Importa a ausência de intermediários. São presenças muito saborosas. E temos na frente um bom grupo delas.

● PORTO...

Cresce o interesse na capital do Norte! A informação do número passado sacudiu alguns tripeiros... Escutemos só um, da Av. da Boavista:

«... a assinante 19426 tem o desgosto por não ir completa

a lista anexa de novos assinantes (5), que remetem já as respectivas importâncias.

Esse desgosto revela muito amor pelo **Famoso**. E há-de ser fermento de mais e mais.

● ...E LISBOA

Lisboa também não sossega! E está presente em grande força. Entre as cartas recebidas há uma, porém, digna de nota. Ei-la:

«...Também com grande consolidação aqui junto mais 50\$00 do novo assinante proposto. É estudante e meu neto. Tem 17 anos e frequenta o 1.º ano de Económicas. Por ele peço as vossas orações para que Deus o proteja pela vida fora — dotando-o com sentimentos generosos e bons — e afastando-o de tantos perigos a que esta juventude anda exposta...

«Cá fico na esperança de arranjar novas assinaturas, desejando assim contribuir para um número mais elevado de bons leitores...»

Abençoado neto! E abençoada avó, que revela juventude

d'alma — porque fica na esperança de arranjar, ainda, mais novas assinaturas!

● DE NORTE A SUL DO PAÍS...

Além do já indicado, temos mais assinantes de Aveiro. Está de coração connosco, mas ainda há por lá muita gente que pode enfileirar no grupo de leitores do **Famoso**... Espinho — muito assídua! E mais inscrições de Rio Tinto, Carcavelos, Oeiras, Quintal (Mafra), e Queluz. De Gaia, então, foi uma valente **precisão**! Berta pôs-se em campo e está a **incendiar** muitas almas. Fora os nomes que já deu nota, pede um maço de 20 exemplares por quinzena! Quem resiste a esta jovem?

● ...E ALÉM MAR

Da rota de quinhentos temos a comparação de novos leitores do Funchal. Mais de Angola: Santa Comba e Malanje. E, também, do Brasil: Sul de Minas e Porto Alegre. Por onde a gente anda!

Para todos, saudações amigas do

JÚLIO MENDES

Visado pela

Comissão de Censura

LAR OPERÁRIO EM LAMEGO

Ao apelo urgente para irmos ao encontro daquela família que vive em condições impróprias de seres humanos, as respostas não se fizeram esperar. Vieram muitas e animadoras. Estamos mesmo na disposição de começar uma casa, assim nos pediram alguns leitores. Já há terreno e ofertas de materiais. Já se deram os primeiros passos da burocracia, pois é necessário um risco e competente autorização. Tudo se prepara para dar condigna habitação àquela família. Como mãe e filhos bendirão todos os que com eles sofrem e os amam!!!

Oxalá que daqui a uns meses, ao entrarem na casa nova, aconchegada e airosa, com portas e janelas, nunca mais recordem o barraco onde viveram para que não sintam vontade de atirar pedras a ninguém. O carinho dispensado a este caso pelos queridos leitores de O GAIATO, será por certo a redenção do tempo em que nos dias de inverno chapinhavam na lama e suportavam a água e o vento que entrava por todos os lados.

Houve quem pagasse logo a renda dum ano e houve quem tomasse o compromisso de mandar 100\$00 todos os meses. Esta colaboração vai agora ajudar a subir as paredes da casa. Nós informaremos do andamento das obras e diremos o dia em que aquela família recebe a chave da sua casa. Até

àquele momento estamos ligados pelo mesmo compromisso, que não será fardo, mas exigência de amor pelos irmãos que sofrem.

Acusámos directamente a recepção de alguns donativos com excepção dos 100\$00 de Nelas, da roupa da Lili de Ervidel; dos 50\$00 de Arganil; dos 300\$00 da Antonieta; dos 20\$ para o tijolo; e dos 100\$00 da Maria de Gaia — por falta de endereço.

Alguns tiveram dúvidas na maneira como enviar dinheiro pois ignoravam a direcção. É suficiente escrever para Lar de S. Domingos — Lamego, que fica na Rua do Teatro, 16.

Pareceu-me que antes de falar do Lar dos nossos rapazes, devíamos recordar aquele caso urgente. É pensando nos outros que melhoramos as nossas próprias condições.

Trazemos entre mãos a preparação duma quermesse que há-de funcionar durante a quadra do Natal. Assim foi o ano passado e voltámos a repetir nas Festas dos Remédios. Os resultados dependem sobretudo de dois factores: o número de visitantes e o número dos objectos que são oferecidos para a quermesse. A última rendeu cerca de dois mil escudos, porque do Porto e Lisboa vieram muitas prendas. Esteve connosco a Casa Forte, o Sr. Dr. Humberto e seus amigos. A Srna. D. Maria de Lurdes não faltou. Na Marinha

Grande temos um dedicado amigo, e os vidros que dali ofereceram enriqueceram a tómbola e despertaram interesse nos visitantes. A cidade favorece-nos mais frequentemente e por este motivo só pedimos a um ou outro mais íntimo.

Com aquele dinheiro pagou-se na padaria e na farmácia. O resultado da próxima quermesse é para amortizar o que devemos na mercearia. A última vez que fizemos contas no snr. Luís Pinto foi em Dezembro do ano passado, e todos os meses tem vindo massa, arroz, açúcar, bacalhau, etc.

Se as tuas prendas chegarem a tempo, vão certamente contribuir para que fiquemos aliviados daquela aflição e possamos começar um novo ano com mais alegria e confiança.

Não é preciso grande preocupação com o que se há-de oferecer. Qualquer brinde e até mesmo selos usados fazem jeito. Estes ultimamente têm-se transformado em pão para a nossa mesa. Não temos tempo para pensar em colecções, mas são migalhas aproveitadas.

Agradecemos a caixa de sabonetes e de lápis, que nunca são de mais, pois fazem o forte do sorteio como prémios de consolidação. Talvez por ser mais simples, a srna. D. Justina mandou 200\$00 e a Marildes mandou 100\$00, para converter em prendas e assim multiplicar aquelas ofertas. Da Alameda das Linhas de Torres chegou dinheiro e prendas. Desta forma se começa a preparar a grande Festa do Natal.

Padre Duarte

África

Ficou-me profundamente grato na alma aquele primeiro dia de escola. Duzentas e sessenta crianças (algumas já jovens) vestidas de bata branca, sorrisos muito abertos nos olhos e nos lábios, a deixar ver bem os dentes de marfim. Familiares em multidão a acompanhar seus «minhos». Um dia de romaria. Tudo me pareceu um dia de Comunhão Solene nas nossas paróquias da Metrópole.

E tem continuado a ser todos os dias este vai-vem de vidas em botão a desabrochar para a vida em flor. São seis grupos com seis professores: três de manhã e três de tarde. Há sempre vida nas picadas e na estrada que dão à nossa Aldeia. Bandos de pombas brancas à procura de pão.

Onde há anos era só capim e abandono há hoje este mundo de vida, há escola. Toda aquela pobre gente abandonada ao mato, que nunca teve possibilidades de aprender a língua-pátria, hoje manda e

acompanha os filhos à escola. Se a nossa Casa do Gaiato não tivesse outro mérito ou outro fim, bastar-lhe-ia ter erigido as escolas e, ao lado, a capela.

O que vi na nossa escola vi-o também em muitas outras escolas espalhadas pelas aldeias grandes. A cidade também está cheia de estabelecimentos de ensino.

Esta é uma grande arma de vencer a guerra. Este é um grande instrumento de conservar a paz. Instrução e promoção para todas as raças, para todas as cores, para todas as classes.

A instrução tem sido a nota mais positiva que tenho sentido neste meu terceiro encontro africano.

Padre Horácio



Se os não tivesse debaixo dos meus olhos, lidos e relidos atentamente — não acreditava. Mesmo que me fosse contado por pessoa fidedigna, eu duvidaria, atribuindo a qualquer equívoco semelhante afirmação.

Trata-se de dois recibos, de duas companhias de seguros, relativos a pensão de invalidez. Mas comecemos pelo princípio.

Uma tarde destas ele apareceu af com uma carta do seu Pároco:

«O meu paroquiano F. de 38 anos, casado, é efectivamente um doente crónico vitimado pela silicose, no seu longo trabalho de mineiro, como se prova pela radiografia junta e pelo atestado médico.

Tem três filhos e é dramática a sua situação. Verdaderamente incapacitado para um trabalho normal, suspirava por uma actividade compatível com as suas forças, mas mesmo essa lhe tem sido negada, em virtude da sua doença.

Gostaria de ter um pequeno negócio, talvez uma pequena tenda que lhe permitisse vender qualquer coisa nas feiras, mas precisava para isso de ser financiado.

É um homem honesto, cheio de boa vontade e só lastimamos não termos possibilidades de localmente lhe resolvermos o problema.»

Conversámos. Ele acrescenta pormenores à história essencial que a carta acima revela.

Respeito pelo Homem

«Desde os 11 anos, só não andei debaixo da terra o tempo da tropa.

Há anos que isto (a doença) começou. Há 4 que dura o meu calvário, por companhias de Seguro e Tribunal do Trabalho.

Até agora tem sido a Mulher a ganhar alguma coisa. Mas também adoeceu e tem de ser operada. Fomo-nos valendo do que tínhamos. Olhe... (Eram cautelas de penhor).

Ainda me inscrevi para Cabora Bassa e fui chamado. Eu bem sabia que saúde não ajudava, mas tentei... Claro, fiquei mal na inspecção médica.

Agora não temos a que deitar mão. Não sei como ganhar um bocado de pão prós filhos a não ser vendendo qualquer coisa pelas feiras».

Na minha mão, desde o princípio da conversa os sobreditos recibos, para os quais eu ia olhando e olhando... enquanto ouvia o homem, a ver se eram os olhos ou os ouvidos que me enganavam.

Que não se tratava de um vulgar explorador de circunstâncias tristes, me dava a entender a dignidade, o recato, mesmo, com que ele me ia desfiando o rosário dos seus passos dolorosos. De resto, a con-

firmar, ali estava a carta do seu Pároco: «É um homem honesto, cheio de boa vontade...» E, comprovando eloquentemente o interesse que o caso lhe merecia, a radiografia e respectivo relatório, que do seu bolso pagara, para não restarem dúvidas sobre a invalidez actual daquele seu paroquiano.

Que constava então, de tão surpreendentes recibos?

De um, a pensão anual de 1\$80 (Dezoito tostões)! Do outro, a pensão mensal de 2\$10 (dois escudos e um tostão)!

E como ambos são recebidos, mensalmente, o valor constante do primeiro recibo é de 15 centavos: «Declaro ter recebido de... a quantia de Escudos 15 centavos, constituída em proveito dos pensionistas, à margem indicados» — diz o impresso com muita solenidade.

Em proveito de quem?!

«Inicialmente, recebia mil e tal escudos mensais» — me informa o Pároco em segunda carta. «Depois, a Companhia de Seguros apelou dessa sentença — e eis a ignominia».

«Sendo isso repugnante — continua o Pároco — não o será menos a circunstância da companhia lhe escrever todos os meses, gastando um envelope, um impresso devidamente preenchido e um selo de 1\$00 para lhe comunicar que tem a receber a importância de 15 centavos. E uma vez que ele terá de gastar 44\$00 na camioneta para se deslocar ao Porto, onde, somente, pode receber

essa importância, terá de esperar pelo menos 24 anos para que o dinheiro recebido dê para as viagens.»

Se é verdade que Deus não aceita a oferta aos pés do Seu Altar, enquanto houver razão de queixa entre o ofertante e os homens que deve acolher como Irmãos — bem podemos chamar blasfémia ao que atrás se relata.

Que uma Companhia de Seguros arranjasse pretexto para nada dar a um homem que se tornou inválido, na ingrata profissão de mineiro — e teria-

mos provavelmente uma injustiça, uma injustiça social.

Mas atribuir o direito a uma pensão, a uma pensão mensal de 15 centavos, que só em burocracia importa mensalmente à Companhia em cerca de dez vezes mais — é escarnecer daquele homem e nele da Humanidade inteira que, consciente, não poderá deixar de solidarizar-se com este homem.

«... para iniciar esse pequeno negócio (com que procurará, sabe Deus com que êxito, gran- gear o pão dos seus filhos sem ter de o mendigar) ele falou-me vagamente em 6.000\$00» — acrescenta-me o Pároco.

Pois vai tê-los.

E tão firme é a nossa certeza de que hão-de ser tantos os tocados pela ofensa à dignidade deste homem, que os prevenimos de que não mandem dinheiro sem perguntar primeiro se ele não está já servido.

«Acabo de ler O GAIATO de 22-8, agora chegado a estas terras.

Não me passou em branco a rubrica «Contra factos»... Li, meditei e entristeceu-me. Entristeceu-me saber que há uma Senhora que durante 14 anos recebeu um jornal, que «não é qualquer jornal» e que nunca o tenha lido! Sim, um só que ela tivesse lido a teria convertido. Ela aprenderia a ser amiga fiel duma Família tão numerosa e unida. Aprenderia também a ser um pouco dessa Família e como tal, não responderia a um delicado postal-aviso com a indelicadeza, a indiferença com que o fez. Chocou-me a resposta dada e a ignorância que ela revela. Ignorância e egoísmo. Estou a ouvi-la dizer: «Que se arran-jem!» «Que tenho eu com a vida deles?» Mas o Senhor tem com a dela e porque eu confio

Uma carta

nEle, creio seguramente que ela há-de receber aquela «pan-cadinha» que a reconciliará com os nossos.

Por isso peço-lhe o favor de continuar a mandar O GAIATO a essa... refilona, nome porque a identificarei quando, no princípio do ano, permitindo o Senhor que lá chegue, enviar a importância das nossas assinaturas.

A deste ano segue hoje e para isso envio o talão de depósito junto a este.

Perdoe o tempo que lhe tomei e com os melhores cumprimentos, que o Senhor continue connosco e com aquela irmã refilona que deu origem a esta carta...»



A falta de tempo tem sido o motivo da nossa ausência nas colunas do Famoso. Há dias, recebi uma carta que dizia assim: «Há muito que não vejo no GAIATO, referências a Ordins. Olhe, que faz bem uma espevitadela de vez em quando, para a chama se não apagar».

Temos muitas graças a dar a Deus, pois mesmo sem notícias nossas, os Amigos da primeira hora, estão sempre com os olhos postos nesta Obra.

Agora, o que é preciso, é chamar a atenção dos novos assinantes: para já digo-lhes, que temos 15 mulheres a trabalhar em chales, todas casadas e com numerosa família.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

Quatro raparigas nos teares, onde fazem carpetes, tapetes, colchas de lã e algodão e cã gase, mantas, passadeiras, etc. Duas raparigas em máquinas de tricotar, fazendo malha, de todos os feitios, e outras trabalhando à mão, fazendo sóquetes para dormir, pegas para tachos, capas para senhora, etc. Toda esta gente trabalha no campo e, no tempo livre, aprende estas coisas. Como vêem, não pedimos esmolas, mas sim trabalho, para com ele valorizar a pessoa. No entanto, a quem não precisa dos nossos trabalhos, agradecemos os seus donativos. Há sempre Pobres a quem socorrer (e temos quatro na nossa Conferência), e casas a consertar. É esta a minha maior preocupação. Quase todos os anos, do que nos sobra, se conserta uma casa.

Como se aproxima a quadra mais linda do ano, e mais íntima da família, onde se trocam presentes entre parentes e amigos, lembrai-vos também, daqueles nossos Irmãos que nada têm. Pela minha parte fico pedindo ao Deus-Menino as maiores bênçãos espirituais para todos os leitores do GAIATO, principalmente, como não podia deixar de ser, para os que colaboram comigo a bem desta Obra. A nossa direcção para aqueles que ainda não sabem: Casa de Jesus Misericordioso — Ordins — Lagares — Telefone — 95142.

Maria Augusta

Lourenço Marques

Não vamos dizer mal dos nossos bons amigos de Lourenço Marques, que nos têm dado horas de íntima amizade e gozo espiritual com o seu interesse pelos nossos Rapazes e progresso desta Casa. Mesmo que o meio onde vivemos não carecesse da Obra, dir-se-ia que fazíamos falta a muitos que têm necessidade de nos amar. E fazem actos de fé na transformação destes Rapazes, como nós na providência amorosa de Deus, que nos pôs, sem ouro nem prata, ao serviço deles.

Não podemos queixar-nos, mas também não deixamos de dizer que não chega o que nos dão. E, por isso, pela segunda vez, fomos à África do Sul à procura de ajuda. Por companheiro de viagem o Padre Veríssimo, coadjutor na missão de Santo António, cicerone dos primeiros dias, a quem devemos o êxito desta volta. De cada amigo seu, fez uma amigo da nossa Casa. Nas missas a sua

palavra foi à frente para apoiar e estimular. Nas voltas que demos juntos, fez-me comungar da sua amizade, pelo Sr. Costa, o Capelinha, o Franc. Arranjou-me cicerones para alguns dias da semana, em que peregrinámos de casa em casa a apresentar a Obra. Lembro o Sr. Domingos, já assinante de O GAIATO, feliz com a pequenina que adoptou. Com mais dois amigos, batemos à porta de outros em La Rochelle, o chamado «Portugal pequenino» onde todos e tudo é português e a maioria gente do norte. Lembro os irmãos Carvalheira, que em tardes seguidas, e prolongadas, roubaram ao seu trabalho e me levaram por «Shops» e casas de conhecidos ou não, católicos ou não, que sempre nos abriram a porta. Foram duma delicadeza extraordinária estes amigos. Lembro a casa do nosso Manuel onde vivi em autêntica família, aqueles dias. Os familiares da esposa, os seus ope-

rários e amigos foram outros tantos a ajudar. A amizade e gratidão a Pai Américo que vai no coração daquele Manuel! Ele não se envergonhe de dizer, seja diante de quem fôr, que tudo o que é lhe deve. E o meu pouco inglês chegou para entender que a felicidade dele é fazer felizes aqueles que ficaram no lugar de Pai Américo. Obrigado Manuel! Deus abençoe a tua esposa e os frutos do vosso amor e do vosso trabalho.

Não posso esquecer ainda o Camilo e o Teixeira tipógrafo que ralharam comigo por não ter ficado também em casa deles.

Dizem que Joanesburgo tem oiro no coração da terra, e que este está a esgotar-se. Existe mais, porém, no coração dos portugueses — e esse não acaba.

Padre José Maria